

## “ORPHEU,”

I

E' assim que se intitula uma revista trimestral com 83 paginas, em bom papel de linho, nascida ha pouco tempo.

Assim que o *Orpheu* foi posto á venda, um amigo correu a esta redacção, a perguntar-nos:

—Você já leu? Oh! não perca! Não perca porque é absolutamente unico no genero.

E ria muito, recitando coisas que attribuímos a qualquer oscilação mental, de que o nosso infeliz amigo estivesse soffrendo. Mas no dia seguinte, outro amigo, e depois outro, e ainda outro e mais não sabemos quantos, vieram procurar-nos, inquirindo, anciosos:

—Você já leu o *Orpheu*?

E o telephone tinia repetindo a mesma pergunta, e a cada esquina um conhecido insistia no caso.

—Que não, que não tínhamos lido, mas iam já lêr,—promettemos intrigados, para que nos deixassem.

Comprámos o livro. Tres tostões. Abrimo-lo apressados e lêmo-lo d'um folego. Esfregámos os olhos e dêmos um beliscão n'um braço. Não havia duvida: estávamos acordados.

—Mas, afinal o que é esse *Orpheu*? dirá o leitor ancioso.

E' bem legitima a pergunta. Os auctores, na introduccção, classificam a revista de *exilio de temperamentos d'arte que a querem como a um segredo ou tormento*.

Nós diremos que é o compendio, sobre madureza humana, mais completo, que temos visto.

As producções dos srs. Ansur, Nônes e Faustino, são simples ensaios ao pé do que vimos no *Orpheu*.

A começar na estampa da capa e a acabar no *Hup lá, hup lá! Ho-o-o-o!* do *Arco do Triunfo*, é tudo de *primeirissima*.

—Mas é prosa, é verso? — insistirá o leitor.

Ha de fudo. Ha prosa, ha verso, ha ambas as coisas ao mesmo tempo, e ha tambem... sem ser uma coisa nem outra, antes pelo contrario.

O melhor, porém, é servir já algumas amostras, para o que pedimos a devida vénia.

Logo a abrir, temos os *Indícios de oiro*, poemas de Mario de Mario de Sá-Carneiro, que fecham assim:

*Ha sempre um grande Arco ao fundo dos meus olhos...*

*A cada passo a minha alma é outra cruz,*

*E o meu coração gira: é uma roda de côres...*

*Não sei aonde vou, nem vejo o que persigo...*

*Já não é o meu rastro o rastro d'oiro que ainda igo...*

*Resvalo em pontes de gelatina e de bolôres...*

*Hoje, a luz para mim é sempre meia luz...*

*As mesas do Café endoideceram feitas ar...*

*Caiu-me agora um braço... Olha, lá vae*

*elle a valsar*

*Vestido de casaca, nos salões do Viee-Rei...*

*(Subo por mim acima como por uma escada de corda,*

*E a minha Ansia é um trapézio escangalhado...).*

Hein?! Que nos dizem ao bregeiro do braço que depois de cahir ainda foi valsar de casaca nos salões do Vice-Rei, deixando o dono a *subir por elle acima* n'uma escada de corda!...

Prosigamos. Ainda do mesmo auctor na *Distante melodia*:

*Balaústres de som, arcos de Amar,*

*Pontes de brilho, ogivas de perfume...*

*Domínio inexprimivel d'Opio e lume*

*Que nunca mais, em côr, hei de habitar...*

*Tapetes d'outras Persias mais Oriente...*

*Cortinados de Chinas mais marfim...*

*Aureos Templos de ritos de setim...*

*Fontes correndo sombra, mansamente...*

*Zimborios-pantheons de nostalgias...*

*Cathedraes de ser-Eu por sobre o mar...*

*Escadas de hopra, escadas só, ao ar...*

*Novas Byzancios-alma, outras Turquias...*

E depois na *Suggestão*:

*Eu não sou eu nem sou o outro,*

*Sou qualquer coisa de intermedio;*

*Pilar da ponte de tedio*

*Que vae de mim para o Outro.*

E agora na prosa este mimo do sr. José de Almada Negreiros, intitulado a *Taça de chá*:

*O luar desmaiava mais ainda uma mascara cahida nas esteiras bordadas. E os bambús ao vento e os crysanthemos nos jardins e as garças no tanque, gemiam com elle a advinharem-lhe o fim. Em roda tombavam-se adarmecidos os idolos coloridos e os dragões alados. E a gueisha, porcellana transparente como a casca de um ovo da Ibis, eu rodilhrou-se n'um labyrintho que nem os dragões dos deuses em dias de lagrimas. E os seus olhos rasgados, perolas de Nankim a desmaiar-se em agua, confundiam-se scintilantes no luzidio das porcellanas.*

*Elle, n'um gesto ulttmo, fechou-lhe os labios co'as pontas dos dedos, e disse a finarse:—Chorar não é remedio; só te peço que não me atrações emquanto o meu corpo fôr quente. Deitou a cabeça nas esteiras e ficou. E Ella, n'um grito de graça, ergueu alto os braços a pedir o Ceu para Elle, e a saltitar foi pelos jardins a sacudir as mãos, que todos os que passavam olharam para Ella.*

*Pela manhã vinham os visinhos em bicos dos pés espreitar por entre os bambús, e todos viram acocorada a gueisha obunando o morto com um leque de marfim.*

*A estampa do pires é igual.*

Se o auctor nos permite, observar-lhe-emos que desvalorizou a sua obra com uma omissão importantissima, não dizendo como são as estampas do bule, do assucareiro e da manteigueira. Assim está o aparelho incompleto, o que é uma pena.

Mas isto não pode ir tudo d'uma vez só, porque cada pagina é um piteu rarissimo e o espaço falta-nos. A'manhã continuaremos. Ah! raça portugueza...

Crispina.

"A Nação", 15 de 1915

# A' JANELLA

## "ORPHEU,"

### II

Conforme promettemos no nosso ultimo numero, vamos brindar os nossos leitores com mais alguns retalhos do incomparavel Orpheu.

O que hontem aqui transcrevemos, póde já ter parecido *inexcedivel*. Pois não é. Ainda ha melhor, mesmo muitissimo melhor, como passamos a demonstrar.

No *Opiario* do sr. Alvaro de Campos, encontram-se estas *perolas*:

*Ando expiando um crime n'uma mala,  
Que um avô meu commetteu por requinte.  
Tenho os nervos na forca, vinte a vinte,  
E caí no opio como n'uma vala.*

E depois mais estas:

*E fui creança como toda a gente.  
Nasci n'uma provincia portugueza  
E tenho conhecido gente ingleza  
Que diz que eu sei inglez perfeitamente.*

*Fumo. Canso. Ha uma terra aonde, emfim,  
Muito a leste não fosse o oeste já!  
P'ra que fui visitar a India que ha  
Se não ha India senão a alma em mim?*

E andou aquelle pobre Vasco da Gama com tanto trabalho para descobrir a India! Mas a deante, porque, quando se trata de raridades, como o *Orpheu*, os commentarios são uma impertinencia:

*Eu fingi que estudei engenharia.  
Vivi na Escossia. Visitei a Irlanda.  
Meu coração é uma avózinha que anda  
Pedindo esmola às portas da Alegria.*

E agora este outro, onde o auctor parece querer desculpar-se do que escreveu anteriormente, confessando... que estava bebedo:

*Levo o dia a fumar, a beber coisas,  
Drogas americanas que entontecem,  
E eu já tão bebado sem nada! Dessem  
Melhor cerebro aos meus nervos como rosas.*

E agora para terminar, pois não queremos de modo algum prejudicar a venda do *Orpheu*, servindo aqui todos os pitêus das suas paginas, vamos transcrever parte da *Ode triumphal*, do sr. Alvaro de Campos.

Garantimos que não vae alterada uma unica virgula. Ei-la:

*Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r-r eterno!  
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!*

*Em fúria fóra e dentro de mim,  
Por todos os meus nervos dissecados fóra,  
Por todas as papilas fóra de tudo com que eu sinto!*

*Tenho os lábios sêcos, ó grandes ruidos modernos,*

*De vos ouvir demasiadamente de perto,  
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com*

*um excesso  
De expressão de todas as minhas sensações,*

*Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!*

*Em febre e olhando os motores como a uma  
Natureza tropical—*

*Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força—*

*Canto, e canto o presente, e tambem o passado e o futuro,*

*Porque o presente é todo o passado e todo o futuro*

*E ha Platão e Vergilio dentro das máquinas e das luzes elétricas*

*Só porque houve outróra e fôram humanos Vergilio e Platão,*

*E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cincoenta,*

*Átomos que hão de ir ter febre para o cerebro do Esquilo do século cem,*

*Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos e por estes volantes,*

*Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,*

*Fazendo me um excesso de caricias ao corpo numa só caricia á alma.*

*Horas europeias, productoras, entaladas  
Entre maquinismos e afazêres úteis!*

*Grandes cidades paradas nos cafés,  
Nos cafés—oásis de inutilidades ruidosas*

*Onde se cristalisam e precipitam  
Os rumores e os gestos do Util*

*E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!*

*Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!*

*Novos entusiasmos de estatura do Momento!  
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas ás docas,*

*Ou a sêco, erguidas nos planos inclinados dos portos!*



Actividade internacional, transatlantica, Can-  
nadian-Pacific!  
Luzes e febris pèrdas de tempo nos bares,  
nos hotéis,  
Nos Longchamps e nos Derbies e nas As-  
cots,  
E Piccadillies e Avenues de l'Opéra que en-  
tram  
Pela minh'alma dentro!

Mas ha mais e melhor ainda. Saboreiem:

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos  
da agricultura!  
Químico agrícola, e o comércio quase uma  
sciência!  
O' mostruários dos caixeiros-viajantes,  
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes  
da Indústria.  
Prolongamentos humanos das fábricas e dos  
calmas escritórios!

Ó fazendas nãs montras! ó manequins,  
ó últimos figurinos:  
Ó artigos inúteis que toda a gente quer  
comprar!

Olá grandes armazens com varias secções!  
Olá anúncios eléctricos que veem e estão e  
desapparecem!  
Olá tudo com que hoje se constroi, com que  
hoje se é diferente de ontem!

Eh, cimento armado, beton de cimento, novos  
processos!  
Progressos dos armamentos gloriosamente  
mortíferos!  
Couraças, canhões, metralhadoras, submari-  
nos, aéroplanos!

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!  
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edificios!  
Eh-lá-hô composições ministeriaes!

Parlamentos, politicas, relatores de orça-  
mentos,  
Orçamentos falsificados!  
(Um orçamento é tão natural como uma  
árvore  
E um parlamento tão belo como uma bor-  
boleta).

E para finalizar, por que isto é um manan-  
cial inexgotavel:

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis á hora  
do Jantar,  
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos,  
brutos, minimos,  
Instrumentos de precisão, aparelhos de tri-  
turar, de cavar,  
Engenhos, brocas, máquinas rotativas!

Eia! eia! eia!  
Eia electricidade, nervos doentes da Ma-  
téria!

Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do  
Inconsciente!

Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!

Eia todo o passado dentro do presente!

Eia todo o futuro jd dentro de nós! eia!

Eia! eia! eia!

Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cos-  
mopolita.

Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!

Nem sei que existo, para dentro. Giro, ro-  
deio, engenho-me.

Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.

Giro dentro das hélices de todos os navios.

Eia! eia-hô! eia!

Eia! sou o calor mecânico e a electricidade!

Eia! e os rails e as casas de máquinas e a  
Europa!

Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máqui-  
nas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup lá, hup lá hup-lá-hô, hup-lá!

Hé-há! Hé-hô! Ho-o-o-o-o!

Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Uff!

O' Dr. Julio de Mattos, acuda, acuda de-  
pressa...

Crispim.

A Nação 16 abril 1915